

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Kaiapó/AçoniData: 29/10/86 Pg.: 374

Affonso Romano de Sant'Anna

190

Dando de cara com Deus

ALGUNS setores mais conservadores da SBPC e alguns médicos estão ouriçados com o episódio que resultou na cura (ou melhora da saúde) de Ruschi pela intervenção dos pajés Raoni e Sapaim. Alguns querem desautorizar a sabedoria milenar dos índios, como se fosse puro embuste. Se fizerem isto, vão se dar mal: terão a opinião pública pela frente e se exporão ao ridículo exibindo uma atitude medieval de quem acha que a verdade é uma só, e é a deles.

Ao invés desse confronto, melhor seria que os cientistas se rejubilassem com uma série de descobertas que os jornais anunciam todos os dias. Nestas últimas semanas, mesmo para quem está de fora, parece que a ciência passou por grandes transformações. Tenho a impressão de que a qualquer hora os cientistas vão dar de cara com Deus. De alguma maneira eles querem e temem isto. Coisas espantosas estão ocorrendo nos céus e terras. Outro dia localizaram uma "fonte de energia luminosa enigmática e poderosa que estaria operando no universo". Agora estão falando da descoberta, não nos

céus, mas aqui mesmo entre os mortais, de uma "Quinta Força", a que chamam de "Hipercarga". Essa força obrigaria a revisão das teorias de Galileu e Einstein, o que prova que a ciência, paradoxalmente, avança baseada em leis que são científicas só provisoriamente.

Dizem os comentaristas que os cientistas se aproximam cada vez mais da descoberta de uma coisa espantosa — a Teoria de Tudo, um "modelo matemático único que descreveria a unidade fundamental das forças". Isto não me admira muito, pois há mais de um ano foi anunciado que um físico descobriu a estrutura do caos. Chegou até a estabelecer o número 4 669 201 609 como a constante que mostra a passagem de um sistema para o caos. E, se o caos pode ser assim figurado, é claro que há esperanças para se conter a inflação brasileira.

Perto dessas revelações ficam como inexpressivas as constatações de que a Lua se afasta da Terra alguns centímetros por ano, de que os próprios continentes continuam se afastando e de que as galáxias estão fugindo de nós numa velocidade espantosa. Elas devem ter lá

suas razões. Mas não deixa de ser também perturbadora a descoberta, lá em Goiás, de que o homem existia aqui há mais de 40 mil anos e que, portanto, não veio da Ásia, via Alasca. Se assim é, qual a origem do homem americano?

Mas lá no céu continuam as revelações. Outro dia os telescópios desvendaram mais 6 galáxias, 500 vezes mais brilhante que a nossa inumerável Via Láctea. Agora acharam os chamados "cordões cósmicos" que seriam remanescentes do nascimento do Universo. Seriam estruturas filamentosas atravessando a galáxia. Será que estão descobrindo mesmo as nervuras do Universo? Se nós não conseguíamos nem entender o "buraco negro", o que fazer agora que descobriram que existem lá em cima grandes bolhas e que um jato quentíssimo brota do núcleo de nossa galáxia?

Por isto é que acho que a qualquer hora os cientistas vão dar de cara com Deus. Estão querendo juntar as pontas do universo e do conhecimento, unindo o micro e o macrocosmos, para entender a máquina do mundo. É curioso que essa Teoria de Tudo, que essa

ordenação do caos, que a busca da unidade fundamental das coisas, ocorra no final de um século que a caracterizou pela dispersão, pela desintegração, pela esquizofrenia, pela entropia do homem nas artes, nas ciências e nas grandes cidades. Ainda agora os pensadores franceses que nos anos 60 decretaram a "morte do homem" como unidade sensível, estão alardeando a redescoberta do "eu", que lá vem erótico e incontrolável resgatando o homem no próprio homem.

Essa volta à unidade pode ser sinal de fadiga de tanta dispersão, ao mesmo tempo que é uma maneira de se voltar ao princípio pela ameaça do grande fim. É assim que a vida responde às ameaças de morte. Por isto pode ser também que essa "unidade" que os cientistas procuram não passe de metáforas artísticas para esvaziar a angústia diante do perigo e do desconhecido. De qualquer forma estamos às portas de uma civilização cósmica, e ela será tanto mais cósmica quanto mais puder articular a sabedoria de um pajé brasileiro com as percepções dos gigantescos telescópios.